

## **Maria, santas e heroínas nacionais bolivianas refletidas no Facebook: relato de um processo de pesquisa sobre vulnerabilidade feminina<sup>1</sup>**

Elisa CANJANI<sup>2</sup>

Claudia LAGO<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

A partir de postagens em comemoração ao Dia das Mães Bolivianas e das Mulheres Bolivianas em Grupos e Páginas públicas do Facebook, a pesquisa investiga construções de gênero que atravessam a evangelização colonial e seu encontro com religiosidades originárias. A pesquisa, em andamento, parte do pressuposto que a imagem da mulher construída sobre as figuras de Maria, das santas cristãs e das heroínas nacionais bolivianas reverbera nas redes sociais digitais, contribuindo para a vulnerabilidade feminina e normalizando situações abusivas na contemporaneidade. Adota a perspectiva decolonial como base teórica, olhando para contribuição de marcadores sociais da diferença.

**PALAVRAS-CHAVE:** decolonial; Facebook; gênero; migrantes bolivianas; religiões.

### **CORPO DO TEXTO**

A tese de doutorado em curso, intitulada provisoriamente “*Das Santas, Marias e Bartolinas: ideário cristão e migração feminina nas redes digitais*”, que dá origem a esse trabalho, parte do pressuposto que é possível identificar a evangelização empreendida pelas missões católicas a partir do evento colonial e seu encontro com as religiosidades originárias, nas redes sociais digitais contemporâneas. Nesse lugar, Maria, as santas do medievo e as heroínas nacionais bolivianas configuram modelos a serem seguidos que, se por um lado sustentam a capacidade de superação feminina, também estetizam o sofrimento, naturalizam abusos de toda ordem e a exploração predatória de seu trabalho produtivo e reprodutivo. Essa mulher ideal, ainda que com novas roupagens, reverbera nas redes sociais digitais em postagens afetivas, comemorativas ou comerciais, que carregam imagens, frases feitas e ditados antes impressos em calendários e "santinhos" ou repetidos na intimidade das famílias. Não se trata de responsabilizar as redes, mas percebê-las como um vasto campo de pesquisa. Postagens que comemoram ao Dia das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP - Comunicação e Religiões, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPGCOM-ECA-USP, email: [elisa.canjani@usp.br](mailto:elisa.canjani@usp.br).

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de Comunicações e Artes – CCA e orientadora PPGCOM-ECA-USP, email: [claudia.lago07@usp.br](mailto:claudia.lago07@usp.br)

---

Mães Bolivianas e das Mulheres Bolivianas em Grupos e Páginas públicas da comunidade migrante, dos consulados e embaixadas no Facebook constituem o material de análise.

O interesse pelo tema surgiu em investigações anteriores com mulheres migrantes bolivianas do nicho laboral da costura, onde se observou a convivência – aparentemente contraditória - da fé, do ideário feminino católico e do orgulho pelas mulheres que lideraram resistências, como Bartolina Sisa e Gregoria Apaza, nas lutas anticoloniais e as Heroínas de Coronilla, heroínas na guerra de independência e patronas do Dia das Mães Bolivianas, referências nas lutas feministas na contemporaneidade. A questão é entender como essa figura ideal de mulher se constrói e se perpetua, e qual a contribuição das redes sociais digitais na reverberação do estereótipo. Diante da necessidade de circunscrever a pesquisa em um universo administrável, optou-se por datas que dialogam diretamente com o ideário mariano e as heroínas nacionais, lembrando que a sistematização do culto à Maria é um produto do embate Reforma/Contrarreforma, momento em que o império espanhol avança em sua empreitada colonizadora sustentado, também, por um discurso fortemente religioso.

Se trata, também, de uma pesquisa de desconstrução, no sentido de que desde as últimas três décadas, as pesquisas voltadas para gênero, nas ciências humanas e sociais – aqui estamos olhando para as mulheres na história, antropologia, arqueologia, etnografia e religião – trouxeram colaborações importantíssimas para o campo. Nesse sentido, três textos são fundamentais para o trabalho: *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, de Joan Scott (2019); *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais e de gênero*, de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) e *El tejido de la rebeldia ¿Qué es el Feminismo Comunitario?* de Julieta Paredes e Adriana Guzmán (2014). Scott (2019) aponta para o desafio teórico na compreensão da participação das mulheres na construção das sociedades humanas que "exige a análise, não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais" (Scott, 2019, p. 52). Falando a partir da Nigéria Iorubá e da Bolívia originária, Oyěwùmí (2021) e Paredes e Guzmán (2014) trazem aportes importantes para a discussão de gênero enquanto categoria e, ao mesmo tempo, problematizam a perspectiva ocidental e a noção do feminismo enquanto representante universal da categoria "mulher".

A partir das considerações acima, o arcabouço teórico se organiza em dois eixos, o primeiro, busca perspectivas de gênero nas ciências humanas e sociais; o segundo,

---

volta-se para as teorias da comunicação e mídia, mais especificamente, para as redes sociais digitais. No primeiro caso, contempla a formação dos arcabouços religiosos católico-cristão e originário andino, para então se concentrar nas teóricas contemporâneas dos feminismos originários, comunitários e decoloniais. A partir dos primórdios da formação do judaísmo-cristianismo e seu desenvolvimento em contato com outras mitologias, como a grega e a latina, a pesquisa olha para construção política ideológica da figura da Virgem; da ressignificação das deusas pagãs absorvidas e postas serviço da Igreja Cristã e, posteriormente, da Igreja Católica; para o papel da mística e das mulheres místicas no imaginário colonial e contemporâneo.

No que tange à história andina – pesquisa ainda em andamento – parte-se das civilizações pré-incaicas, lembrando que os incas imperaram por pouco menos de 100 anos e, em meio a uma luta sucessória, sucumbiram aos espanhóis. Trata-se, portanto, de um momento na história onde uma minoria étnica - descendente do antigo império Tiwanaku devastado durante o século XII por aymaras vindos do sul – através de alianças e campanhas militares implantou um controle político-administrativo rígido, altamente sofisticado e hierarquizado sobre uma extensão territorial imensa e povos muitas vezes resistentes e insubmissos, ainda que houvesse semelhança em seus modos de se organizar produtiva, social e culturalmente. Desenvolveram mitos fundantes, criaram rituais e ergueram lugares sagrados (*huacas*), muitos dos quais sobre lugares sagrados (*huacas*) dos povos dominados (Espinoza, 1990).

A amplitude da pesquisa se justifica a partir da necessidade aprofundamento na compreensão do papel dos mitos, ritos e rituais que organizam as sociedades (Maçaneiro, 2011); do papel desempenhado pela iconografia do medievo e das figuras das místicas, das santas e de Maria tanto no imaginário colonial quanto na política vice-reinal (Cauti, 1993; Rodriguez, 2020) e na resistência das mulheres às regras do patriarcado (Brochado, 2014); do papel da formação do nacionalismo na construção das heroínas nacionais (Rodriguez, 2020); da discussão entorno da intensidade patriarcado andino (Wassmansdorf, 2016); do conceito de “entronque patriarcal”, proposto pelo feminismo comunitário (Paredes; Guzmán, 2014).

Maçaneiro (2011) aponta que o religioso anda par e passo com a trajetória humana: o *homo religiosus*, o homem da linguagem (*homo loquens*), o homem da habilidade (*homo faber*), o homem da arte (*homo aestheticus*) e o homem do intelecto (*homo sapiens*) conformam as faces da nossa humanidade. Segundo o autor, as vivências

originárias fundantes (muitas delas recorrentes em todas as religiões), são interpretadas e descritas na forma mitos ou símbolos, origem da hermenêutica religiosa. Os mitos antecedem os conceitos e constituem um gênero narrativo próprio da religião para expressar a verdade, entendida como construção de sentido (Maçaneiro, 2011, p. 17-18) e, embora os cenários do sagrado, os símbolos e os nomes das divindades sejam distintos, as estruturas e conteúdos culturais se aproximam em distintas religiosidades (Maçaneiro, 2011, p. 11). Nesse sentido, assistimos ao encontro de duas culturas profundamente religiosas e ritualizadas que, para além dominação sob violência extrema, apropriação e ressignificação de símbolos e mitos, se misturam e, de alguma forma, se reorganizam (como já comentado, trata-se de uma pesquisa em andamento).

Silva (2021) aponta que o processo de dominação das colônias se assentou sobre o par civilização-cristianização e, uma vez que encontraram um sistema social e religioso organizado, parte do processo consistiu em realizar um trabalho apostólico inserido na lógica nativa, parte desqualificar e demonizar suas práticas, seus cultos, suas divindades e representações. Nesse quadro, a religiosidade feminina cristã, reproduziu na colônia, o que ocorria na Europa. Surgiram monastérios (vinculados às ordens religiosas femininas europeias) e beatérios, que se incumbiam de oferecer às meninas uma educação cristã. Recebiam meninas *criollas* (descendentes de espanhóis), mestiças (hierarquicamente inferiores) e filhas dos indígenas nobres (Cuesta, 1995; Godoy, 2021). Mas o processo nunca foi pacífico ou homogêneo. Por exemplo, como aponta Berg (2005), os nativos roubavam as múmias sagradas de seus ancestrais que haviam sido levadas para cemitérios cristãos para devolvê-los aos seus locais sagrados (*huacas*).

Segundo Silverblatt (1996), os colonizadores introduziram uma visão de mundo completamente distinta e dicotômica. No que tange à hierarquia social, construíram uma equivalência com a sociedade europeia, concedendo privilégios à descendência da nobreza incaica e os governantes não incas do mundo pré-hispânico. As mulheres descendentes da nobreza incaica também receberam o direito sobre terras e passaram a reivindicar terras comunais, como forma de ascensão econômica e social, ao passo que instituições políticas e religiosas controladas por mulheres foram minadas: a rede política imperial encabeçada por rainhas incas foi destruída. Lançaram as mulheres camponesas num estado de vulnerabilidade extrema, destruindo a relação de equilíbrio e complementaridade sobre a qual se assentava a sociedade. Segato (2012) aponta que no encontro do sistema patriarcal originário e o sistema patriarcal moderno colonial a vida

---

se reorganizou a partir das estruturas existentes, mantendo uma aparência de continuidade, porém subvertendo os sentidos. Paredes e Guzmán (2014) nomeiam “entronque patriarcal” como um terceiro elemento que nasce da convergência dos patriarcados moderno colonial e originário, uma articulação desigual entre homens, mas que: “se combinaram, se complementaram, repartiram tarefas e ajustaram suas formas de oprimir as mulheres” (Paredes; Guzmán, 2014, p. 82, tradução nossa).

No eixo dos estudos de redes sociais digitais, mais especificamente no espectro da etnografia virtual, Hine (2016) afirma que a internet se incorporou de tal forma à nossa vida cotidiana que, com o uso dos dispositivos móveis, a noção estar *online* / estar *offline* deixa de fazer sentido. A autora lembra que o uso da internet se tornou significativo para nossas compreensões de identidade e transforma nossas estruturas de recompensa, confiança e reconhecimento (Hine, 2016, p. 16). Segundo afirma, para além do significado dos textos em si, é possível explorar o significado da mídia como um componente da vida cotidiana, social, cultural e tecnologicamente permeada (Hine, 2016, p. 12).

Em termos práticos a Análise das Redes Sociais - ARS, ainda que não se trate de uma concepção metodológica adequada a esta pesquisa, traz aportes importantes, além de agregar concepções alinhadas à etnografia virtual. Segundo Recuero (2017) a ARS parte da percepção de que os atores sociais estão inseridos em estruturas complexas de relações que incidem em seu comportamento e visão de mundo. Nesse sentido, cada ator se insere nos grupos sociais a partir de suas relações e suas interações resultam em posições dinâmicas nas redes, hora produto, hora produtor: “A percepção da estrutura em torno dos atores é fundamental para que possamos compreender também seu comportamento” (Recuero, 2017, p. 10). Ou seja, ao mesmo tempo em que decisões individuais - como compartilhar ou não uma postagem - refletem nas redes, aquilo que está nas redes age sobre os atores (Recuero, 2017, p. 9). A autora aponta que, apesar de vir sendo usada num viés quantitativo, a ARS, em casos específicos, pode ser usada em um viés qualitativo: “O que importa, para um estudo de análise das redes, é que o objeto do trabalho tenha uma estrutura mapeável e que esse mapeamento seja útil para a compreensão do fenômeno que o pesquisador visa investigar” (Recuero, 2017, p. 16). Em relação ao Facebook, Recuero (2017) aponta que a plataforma não opera, simplesmente, como tradução das relações *offline*: os sites de redes sociais amplificam as relações sociais, uma

vez que trabalham em larga escala; auxiliam na manutenção dessas relações e as mantêm ativas, num fluxo constante (Recuero, 2017, p. 13).

Quanto à análise do material coletado, propriamente dito, apontamos como base conceitual a perspectiva da etnografia crítica proposta por Soyini Madison (2005). A adoção se justifica, em primeiro lugar, por ser uma pesquisa que visa contribuir com o guarda-chuva de estudos que versam sobre a vulnerabilidade da mulher “Outra”, a “Outra” em relação ao mundo dito “ocidental”. Em segundo lugar, porque a investigação olha para uma comunidade alheia ao universo sociocultural da pesquisadora, portanto, sujeita a atravessamentos de toda ordem. Nesse sentido, espera-se encontrar um ferramental de apoio que minimize possíveis deslizamentos, já que seria pretensioso e irreal anunciar que serão eliminados ou neutralizados.

Esta pesquisa em andamento, busca contribuir com as pesquisas decoloniais que se dedicam – e a premissa interseccional fica implícita - ao estudo das violências e abusos de toda ordem que se precipitam sobre o conjunto das mulheres, para além do sexo biológico, na contemporaneidade. A supervalorização da ideia de mulher valente, incansável, que tudo suporta com galhardia, disposta a sacrifícios inenarráveis na defesa de sua prole, família ou cultura de seu país é o combustível que, aparentemente, gira essa máquina. Nesse sentido, busca as construções da imagem da mulher ideal enquanto processo longínquo, ressignificadas ao sabor do conjunto de interesses das sociedades dominantes em cada época e inextricavelmente ligadas ao lugar social que a mulher ocupa.

## REFERÊNCIAS

BERG, H. Cristianización del mundo aymara y aymarización del cristianismo. **Ciencia y Cultura**, Bolívia, v. 9, n. 15-16, p. 181-244, 2005. Disponível em: <https://cienciaycultura.ucb.edu.bo/a/article/view/572/525>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BROCHADO, C. C.. As pouco silenciosas monjas medievais. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA, S. R.; ZANELLO, V. (orgs). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 588-600, 2014. Disponível em: [https://mulheresnoper.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/BR\\_ART\\_66\\_ESTUDOS\\_FEMINISTAS\\_E\\_DE\\_GENERO\\_ARTICULACOES\\_E\\_PERSPECTIVAS.pdf](https://mulheresnoper.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/BR_ART_66_ESTUDOS_FEMINISTAS_E_DE_GENERO_ARTICULACOES_E_PERSPECTIVAS.pdf). Acesso em: 10 jan. 2024.

CAUTI, F. I. **Mujeres al borde de la perfección**: Rosa de Santa María y las “alumbradas” de Lima. *Hair*, Durham, v. 73, n. 4, p. 581-613, 1993. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hair/article/73/4/581/145943/Mujeres-al-borde-de-la-perfeccion-Rosa-de-Santa>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

CUESTA, Á. M. Las monjas en la América colonial 1530-1824. In: **Thesaurus** - Boletín del Instituto Caro y Cuervo, Bogotá, t. 50, n. 1-3, p. 572-626, 1995.

ESPINOZA, W. S. **Los Incas**: economía sociedad y estado en la era del Tahuantinsuyo. Peru: Amaru, 1990.

GODOY, S. O. Beaterios para hijas de la elite indígena e indios nobles donantes de advocaciones religiosas en el Virreinato del Perú, siglos XVII-XIX. **Intus-legere** História, Chile, v. 16, n. 2, 2021, p. 240-270. Disponível em: <https://intushistoria.uai.cl/index.php/intushistoria/article/view/536>. Acesso em 18 jan. 2024.

HINE, C. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (orgs). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

MAÇANEIRO, M. **O labirinto do Sagrado**: ensaios sobre religião, psique e cultura. São Paulo: Paulus, 2011.

MADISON, D. S. **Critical Ethnography**: Method, Ethics, and Performance. California: Sage Publications, 2005.

OYĒWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PAREDES, J.; GUZMÁN. **El tejido de la rebeldía**: ¿Que és el Feminismo Comunitario? La Paz: Mujeres Creando Comunidad, 2014.

PETROCCHI, M.C.; LUNA, J.C.P. Estudios y materiales sobre el uso de los quipus en el mundo andino colonial. In: PETROCCHI, M.C.; LUNA, J.C.P. (ed.). **El Quipu colonial**: estudos y materiales. Peru: Fondo Editorial PUCP, p. 9-30, 2013.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: Edufba, 2017.

RODRÍGUEZ, T. E. La construcción de la identidad protonacional en la América Virreinal: el caso de Mariana de Jesús en Quito. **Chakiñan**, Ecuador, n.12, 2020. DOI: Disponível em: <https://chakinan.unach.edu.ec/index.php/chakinan/article/view/325>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, Coimbra, n. 18, p. 106-131, dez. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLANDA, H. B. (org.) **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SILVA, W. C. **Uma nova maneira de evangelizar**: o III Concílio Provincial de Lima e o combate à crença indígena. 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SILVERBLATT, I. **Luna, sol y brujas**: géneros y clases en los Andes pré-hispânicos y coloniales. Cusco: Bartolomé de las Casas, 1996.

---

WASSMANSDORF, M. L. Feminismos de/pós-coloniais sob rasura: as perspectivas de gênero e patriarcado de María Lugones, Rita Segato e Julieta Paredes. **Captura Crítica**. Florianópolis, v. 1, n. 5, p. 157-173, jan./dez. 2016. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacritica/article/view/3474>. Acesso em 15 mar. 2020.